Portugueses
Portugal

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e Tipografia R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Atalaia, 134
Editor — João M. Santos
Telefones: C. 1038

UMA JORNADA GLORIOSA

A victoria da idea Integralista. Calorosas saudações a El-Rei. Os discursos do banquete de "a Monarquia". A verdade politica. Valiosissimas adesões. Um telegrama de Afonso Lopes Vieira. Saudações de João de Azevedo Coutinho. A caminho do triumfo

Como estava anunciado, realizou-se ante-ontem o banquete politico comemorativo da passagem do primeiro aniversario de A Monarquia. Pela qualidade e numero das pessoas que nele tomaram parte, e pelo valor das eloquentes e significativas adesões recebidas, pode afirmar-se que a festa de sabado foi uma das mais altas afirmações de fé monarquica que se teem feito em Portugal.

A defeza dos principios, os testemunhos de lealismo á causa sagrada da Patria que é a da Monarquia, foram as notas predominantes dessa bela festa de sinceridade e de esperança em melhores e mais claros dias. Ergue-se ao alto o coração da gente moça. A guerra purificou o mundo. A ilusão democratica cai desfeita em poeira. Uma nova edade começa!

O banquete

Eram nove horas da noite quando se abriu a vasta e luxuosa sala do Hotel Central onde ia ter logar o banquete, sendo a cabeceira da meza, em forma de U, ocupada pelo conselheiro Ayres de Ornelas, ilustre representante de Sua Magestade El-Rei, que tinha á sua direita o alferes Luis de Portugal da Fonseca e Mello, recentemente chegado do front, onde foi gravemente ferido em combate, o Senhor Conselheiro Jayme Forjaz de Serpa Pimentel, e o sr. Luis Fernando de Sousa representando o sr. Conselheiro Fernando de Sousa e á esquerda o sr. dr. A. Xavier Cordeiro, presidente da Junta Central do Integralismo Lusitano, dr. Ruy Ennes Ulrich e Conde de Monsaraz. Indistinctamente se sentaram os restantes assistentes, que eram em numero superior a cem. Durante o banquete, que terminou pelas duas horas da manhã, reinou sempre entre todos a mais viva e franca alegria.

A' sobremeza, depois de brindar a El-Rei e á Familia Real, o sr.

Dr. Xavier Cordeiro

Proferiu as seguintes palavras:

Reunimo-nos, nesta mesma sala, ha pouco mais de um anno, celebrando a nossa primeira festa. Comemoravamos, nesse dia, a publicação da revista *A Nação Portuguêsa*; celebramos hoje, um ano decorrido sobre o apparecimento do jornal *A Monarquia*. Deve ser grato ao nosso espirito aproximar estes dois factos, interpretando-lhes a significação e reparando no que eles representam para a marcha da Causa a que todos nós vimos consagrando o melhor do nosso esforço e da nossa inteligencia:—festejando a publicação da primeira série da *Nação Portuguêsa*, nós assinalavamos um grande passo da nossa Cruzada, nos dominios do pensamento; memorando hoje o primeiro aniversario d'*A Monarquia*, assentámos um padrão que marca um decisivo avanço no caminho largo e desassombrado da acção.

Estas duas publicações assinalam, de facto, duas fases bem distintas do nosso movimento: — na primeira andámos a aprestar e a *corrigir* as nossas armas, na segunda servimo-nos delas, brandindo-as no bom combate; ali construiamos uma fortaleza, agora lutámos dentro della. E, olhando em torno de nós, reconheceremos com orgulho, que não tem sido vão o nosso esforço.

Não vae ainda longe o tempo em que, a todo o passo, topavamos com gente curiosa a perguntar-nos o que era o *Integralismo*. Por muito embaraçosa que fosse esta pergunta, despedida á *queima-roupa*, em qualquer encontro apressado de rua, ou na atmosfera frivola de uma sala, eu nunca deixei, mesmo quando a ocasião me não permitia longas explicações doutrinarias, de sentir um sincero prazer, sempre que m'a formulavam. De facto, tal pergunta, só por si, contem já o reconhecimento implicito de que o *Integralismo* é qualquer cousa diferente do que até hoje tem sido as correntes de opinião politica em Portugal. Jámais, que eu saiba, alguem se lembrou de perguntar o que fosse o *democratismo*, o *evolucionismo* ou o *unionismo*, vocabulos estes que, nós seus respectivos sinonimos *afonsismo*, *almeidismo* e *camachismo*, encontraram mais do que sufficiente esclarecimento. O mesmo pode dizer-se, resalvadas as diferenças de *qualidade* que é ocioso sallentar, dos partidos rotativos anteriores ao advento da Republica.

Ser politico, entre nós, tem sido seguir um homem e não uma idéa.

Optar por um ou outro partido traduz apenas, simpatia, gratidão ou esperança, mais ou menos interesseira, no homem que á frente desse partido se encontra. Assim, em regra, o partidário, ao dar a sua adesão, saca uma letra a prazo, cujo capital é um lugar publico, uma cadeira de deputado ou de ministro, a satisfação de uma vaidade. Se lh'a não pagam no dia do vencimento, lá vão por terra todas as suas *convicções* politicas, e com uma semcerimonia que chega a enternecer pela simplicidade, abandona a falange em que militava como a unica capaz de salvar o pais, para se passar para outra que, ainda na vespera, reputava como uma ameaça tenebrosa para a Cousa Publica.

Ha assim quem, em poucos annos, tenha corrido todos os partidos da Monarquia e da Republica, á semelhança daquelas danças de roda em que sucessivamente se vae mudando de par e bailando com todos os figurantes.

Quando veio a Republica, a arêna politica scindiu-se em dois campos opostos. Alinhavam-se de uma banda monarquicos, da outra republicanos. Estava assim posta—era pelo menos licito supo-lo—a questão dos principios.

Já não eram dois ou mais homens com as suas ocasionais clientelas politicas, que se encontravam frente a frente, disputando o premio apetecivel do poder:—defrontavam-se agora ideias extremas e irreconciliaveis, anteriores e superiores aos homens que as defendiam. Mas eis que de uma e outra banda as forças começam a escalonar-se e por forma tal que, a certa altura, já mal se divisa onde acaba a direita de uma das alas e onde começa a esquerda da outra. Ha monarquicos que afirmam a superioridade teórica da formula r publicana,—republicanos que, por uma especie de dizima periodica, tendem para a Monarquia sem nunca a atingir.

Em tais condições o combate torna-se absurdo e impossivel; quase se confundem as armas e os combatentes. Apenas um preconceito sentimental, que a bruteza soez das guardas avançadas da demagogia alimenta e avoluma, separa de facto os dois campos. Se ha quem, á sombra gloriosa da Bandeira azul e branca se sacrifique, sofra e morra na defeza heroica de um Ideal, esse esforço quebra-se de encontro á moleza de uma massa amorfa e inerte, sem convicções nem certezas, que ou aguarda o resultado da empreza para saber qual o lado que mais lhe convem, ou se esgota no enervamento estéril de um sentimentalismo doentio e pueril. Faltavam á luta as forças da Inteligencia, sem as quais o Sentimento nada vale e nada pode.

E' nesta conjuntura que surge e se levanta como uma Esperança nova, o *Integralismo Lusitano*. Não se trata, agora, de mais um homem, de mais um ambicioso politico a agrupar em torno de uma palavra vaga, infundaveis palavras vãs, para engendrar um programa com que sirva o seu oportunismo;—trata-se, ao contrario, de uma Doutrina que se ergue, e em torno da qual se agrupam homens, que só pretendem defende-la e servi-la, para assim defenderem e servirem a sua Patria.

Apagam-se os individuos deante das ideias. Não é um partido que se forma, é a Nação—um todo—que se organiza. Não são palavras abstractas que se declamam, são deduções inflexiveis da Realidade e da Historia, da Tradição e da Raça que se formulam e proclamam.

Razão tinham, pois, os que perguntavam curiosamente o que é o *Integralismo*, antevendo assim, que ele é alguma cousa que deve conhecer-se, alguma cousa que se não parece com a uniformidade fundamental, apenas formularia-mente diversificada, dos partidos politicos que neste País se fazem e desfazem, se partem e repartem.

Já não ha hoje, mesmo nas camadas mediocremente cultas, quem ignore o que nós queremos e para onde vamos.

Mas se ainda alguem houver que queira saber o que é o *Integralismo Lusitano* não falta—Deus louvado—quem lhe possa responder.

Nesta hora em que os partidos entram numa agonia ignominiosa, proclamemos bem alto, para que todos nos oiçam e entendam, que o *Integralismo* não é nem quer ser um partido politico, porque é a propria Nação organizada. E' o patriotismo feito acção, contrapondo-se ao patriotismo apenas verbo. E' a restituição de Portugal aos seus melhores destinos historicos. E' a memoria viva do que fomos no Passado, a indicar-nos o que devemos ser, no presente e no Futuro.

Ora dá-se o caso, bem compreensivel para quem conhece os processos dos nossos adversarios, de que são exactamente muitos daqueles que sabem o que nós queremos, que mais se empenham em deturpar a Doutrina, e em nos desvirtuar as intenções. Conhecem-nos mas caluniam-nos, desdenham-nos mas temem-nos, não pelo que pessoalmente possamos valer mas pela força imensa das ideias de que somos simples intérpretes e divulgadores. Temem-nos, porque cada dia que passa, cada facto que se sucede na ronda incessante dos factos, vem acrescentar mais uma razão ás nossas razões, mais uma demonstração experimental, ás nossas afirmações doutrinarias.

Porque nós nos inspiramos na Tradição e na Historia, chamam-nos *retrógrados* e *saudosistas*.

Porque queremos uma Patria forte e independente, com a sua continuidade garantida por um Rei com funcção, com vontade e com poder,—chamam-nos *absolutistas*.

Os primeiros pretendem amesquinhar-nos, os segundos procuram desacredita-nos. A uns e outros se quebram os dentes com a simples e serena exposição da nossa Doutrina.

O nosso culto pela Tradição, tal como o praticamos, não pode valer-nos, para pessoas de boa fé, a qualificação de retrogrados ou de saudosistas.

Para nós o Passado não é uma coisa inerte, imovel no tempo e no espaço, sobre a qual nos debrucemos a carpir saudades. Passado, Presente e Futuro—reputamo-los momentos de uma trajectoria, capitulos de um mesmo livro, que teem de ler-se seguidamente para que façam sentido. Para nós a saudade não é um sentimento contemplativo, é antes um elemento dinamico, um incentivo para a acção, uma força propulsora de Esperança. Não queremos regressar ao Passado, quere-nos apenas tirar dele os ensinamentos da Historia, que é hoje e sempre a melhor mestra da vida;—não pretendemos consumir as nossas energias chorando sobre ruinas, queremos antes restaurar esse montão de ruinas a que outros, antes de nós, reduziram esta pobre Terra a que tanto queremos.

Se não somos retrogrados nem saudosistas, como uns pretendem, tambem não somos absolutistas, como outros malevolamente nos dizem.

A doutrina Integralista, essencialmente organica, procura restabelecer os orgãos naturaes da Nação, restituindo-lhes as suas funcções proprias. Organisar as classes, fomentar o sindicalismo profissional, segundo a nossa boa tradição corporativa, dar autonomia administrativa ao Municipio e á Provincia—não é absorver, não é hipertrofiar o poder central, é, bem pelo contrario, descongestiona-lo, descentraliza-lo, economica e administrativamente.

E assim, nós negamos e repelimos o absolutismo por factos concretos e não por palavras abstractas, visto que, mercê da propria organisação, limitamos o Poder Real, circunscrevendo-o á sua função propria, governativa e coordenadora.

Concentração politica, descentralização economica e administrativa—eis o que pretendemos.

A lição da Historia que guiou as nossas primeiras afirmações encontra hoje a sua confirmação completa no tremendo quadro da Europa em guerra.

Já não é hoje licito a ninguem ignorar como se faz a força ou a ruina das nações...

Absolutismo, em Portugal, não me consta que o tenha exercido senão... a *Rainha Liberdade*.

Foi ela quem, desde que começou a subir os degraus sangrentos do seu trono, não mais pensou senão em demolir uma a uma, sistematicamente, as forças organisadas que podiam opôr-se ao seu despotico mando. Compreendendo que *a união faz a força*, ela poz todo o seu empenho em desunir, em desagregar, dissolvendo as bases comunitarias da nossa sociedade, pela inoculação do *morbus* individualista.

Foi assim que dispersou a familia, diminuindo-lhe as condições de continuidade e resistencia pela divisão obrigatoria do patrimonio; apeando o seu chefe da dignidade em que a Ordem Antiga o consagrava como autoridade social; descristianizando-a por meio de uma pertinaz propaganda anti-religiosa; e, por fim, prostituindo-a pelo divorcio e pelas facilidades concedidas á bastardia. Desagregou as classes, contrariando o espirito associativo, impedindo-as de adquirir e possuir propriedade imobiliaria e privando-as de interferir, pelos seus representantes, na vida administrativa do Estado.

Aniquilou o Municipio, usurpando, uma a uma, as suas tradicionaes prerrogativas e imunidades e fazendo das camaras municipaes verdadeiras delegações politicas do partido do governo. Retalhou as Provincias em circunscrições arbitrarias, que nenhuma realidade geografica ou etnica justifica:—e assim, dispersa a Familia, a Classe, o Municipio, a Provincia,—estavam, uma a uma, destruidas e desagregadas todas as forças organizadas que podiam oferecer qualquer resistencia á ancia insofrida de mando dos aventureiros da politica.

Inutilizados todos os orgãos, absorvidas e centralizadas todas as funções, era preciso fugir ainda ás responsabilidades desta orgia de poder. Para isso se creou o Parlamento politico, soberano e irresponsavel, omnisciente e primario, instituição tão nociva e absurda, que por toda a parte se vae reconhecendo que para o manter, em homenagem a principios desacreditados, é preciso garantir a facilidade da sua dissolução, sempre que seja preciso governar!

Pois nós, que queremos fortalecer a Familia, organizar as classes, restituir a autonomia aos municipios e ás provincias, pôr, emfim, a funcionar os orgãos naturaes da Nação—é que somos absolutistas... e quem nos acusa de o sêrmos são precisamente aqueles que insistem em manter a subordinação absoluta de todas as funcções a um só poder tumultuoso, corrupto e descricionario!

Digam-me, pois, onde está o Absolutismo.

E' já longo e proveitoso o caminho que temos andado. A nossa propaganda tem alastrado e fructificado por uma forma que excede o que podiamos esperar, quando iniciámos a nossa santa Cruzada.

Hoje, em Portugal, ha monarquicos que sabem que o são e porque o são. Crêmos o pudor dos lugares-comuns da Revolução. Temos assegurado este estado de espirito ecursor das realizações. A nossa doutrinação acabou por desmoralizar e levar o desanimo ás hostes inimigas. Hoje a Republica para se manter, num ultimo esforço desesperado, vem até nós pedir-nos os principios, negando-se portanto a si propria. Lembremo-nos de que a Monarquia quando se sentiu perdida, em vez de procurar afirmar-se nos seus proprios fundamentos, pactuou com os principios adversos, caminhando assim apressadamente para o suicidio.

Hoje a Republica procede identicamente; a diferença está em que a Monarquia voltou as costas á Verdade caminhando para o erro, enquanto que a Republica exactamente porque a si propria se contradiz, começa a abandonar o erro, abrindo os olhos á Verdade... O resto pertence á lógica inexoravel dos factos, em que devemos confiar.

Estamos em face de uma Republica que sente a necessidade de afirmar principios de Moralidade e Ordem, o respeito da Autoridade e da Disciplina, procurando assim salvar o País da onda de anarquia em que se ia afundando.

Como tentativa honesta e sinceramente patriotica, deve merecer todo o nosso aplauso e toda a nossa gratidão. Não recêmos enfraquecer-nos com esse aplauso, não só porque não se enfraquece, antes se eleva, quem favorece o bem, embora relativo e provisório, da sua Patria, mas ainda porque o que nós aplaudimos é precisamente o que nessa tentativa tende para o reconhecimento dos nossos principios, não obstante as intenções sinceras e ingenuamente republicanas de quem, para salvar um erro, envereda pelo caminho que conduz á Verdade.

Meus amigos: — comecei por lembrar que a primeira das nossas festas comemorou o nosso primeiro grande passo no campo constructivo do pensamento, celebrando esta em que nos encontramos reunidos um animador avanço no caminho combativo da acção. Terminarei por manifestar a esperança de que, quando daqui a um ano nos reunirmos de novo, teremos já a assinalar as nossas primeiras realizações.

A assistencia sobrelinhou com uma prolongada salva de palmas as belas palavras do Dr. Xavier Cordeiro.

Em nome de «a Monarquia» fala o nosso director Sr.

Conde de Monsaraz

Como director d'*A Monarquia*, em meu nome e no dos meus camaradas de redacção; venho agradecer aos que me escutam e aqui vieram trazer, com a coragem moral da sua presença, um novo incentivo á nossa campanha de resgate, todo o nosso interesse que lhes tem merecido, este jornal durante um ano inteiro de luta sem treguas, em que conhecemos alguns dos nossos melhores combates.

Ele é o unico na verdade que encarna a intima aspiração da Patria, o esforço consciente da Raça para viver consigo, na sua pequena casa luzitana, aquela primitiva existencia tradicional em que lhe floresceu outrora a juventude e se lhe robusteceram as energias nacionaes.

Se foi graças á *Monarquia*, ao trabalho quotidiano de persuasão que nas suas colunas vimos tentando que uma parte notavel da opinião conservadora neste paiz conseguiu ver-se orientada na unica via politica onde é impossivel tropeçar-se, tambem é evidente que sem ele, sem a boa vontade e a boa fé dessa opinião conservadora, que atendeu e hoje apoia as nossas ideias, o brado da Terra Prometida ter-se-ia perdido no deserto e o Integralismo Luzitano não passaria ainda de meia duzia de vizionarios, pregando em vão a alguns milhões de repatriados dentro da Patria. Entre o redactor do quotidiano que escreve e aquele anonimo transeunte que o aborda na rua, o interroga e o escuta existe sem duvida uma especie de fluxo e refluxo de sentimentos e de ideias que os irmana e os prende intimamente num estreito abraço de comunhão espiritual.

O jornal torna-se indispensavel ao publico que se lhe afeiçoa e por isso uma ideia em marcha não pode marchar com segurança e rapidez sem a acção constante do periodico que a propaga e a espalha entre a opinião publica atenta num gesto largo do semeador. Por isso o Integralismo Luzitano, com a fundação d'*A Monarquia*, depois de ter creado pela revista nas camadas mais cultas da sociedade portuguêsa uma forte corrente de pensamento germinando, tentou dilatar esse proselitismo insipiente fazendo ouvir a esperança da sua promessa nos meios escolares, nos centros burguezes e nos bairros operarios, para que todos eles, trabalhadores, burguezes e estudantes se convencessem bem de que a vida publica neste país não continuaria a ser de hoje em deante uma pura mentira social, florescendo á vontade entre as fantasias envenenadas de romanticos sem ideias e as perigosas artimanhas de aventureiros sem escrupulos.

Balzac comparava o *jornalismo* a uma grande maquina de guerra, posta em movimento por inumeros pequenos odios pessoaes, o que é claro não impedia o verdadeiro jornalista de cumprimentar muitas vezes reverenciosamente aquelas pessoas que ele mais odiava.

Pelo seu lado um poeta francês, cujo nome agora me não ocorre, conclúia sem hesitações referindo-se aos escritores de imprensa que ele parecia desprezar, com certeza por ser mau poeta e nos jornais da epoca haver bons criticos:

Voulez vous de menteirs composer une lite
En tete il faut placer le nom d'une jornaliste

Nós durante doze longos mêses de bom combate nunca justificámos o scepticismo destas opiniões. Não odiámos nem mentimos. Ao contrario dalguns periodicos que, nos velhos tempos em que se aventurou e ser-se liberal eram termos sinonimos, brotavam aqui e alem na estiolada ceara politica á maneira das papoilas, crescendo como gritos rubros de revolta contra qualquer governo dominante e morrendo, após uma existencia efemera quando o conseguiam derrubar, diversas nos processos e nas intenções dessas folhas de fragil reputação, *A Monarquia* tem vivido sempre sem lisonjear vaidades e sem alimentar equivocos, lavrando, em leivas ratilineas a charneca da nossa Democracia nacional (da coroada e da não coroada) não poupando os amigos sempre que erraram, exaltando os adversarios quando conseguiam ser justos, nunca hesitando no caminho trilhado, não fraquejando nunca para reter ninguem, nem transigindo para captar quem quer que fosse. Tanto eu como os meus colaboradores sem excepção procurámos apenas orientar o jornal ao forte claro daquelas verdades politicas e religiosas que informam a nossa doutrina e num ardente clamor de prece nos vivificam a esperança exaltando-nos a fé. Não nos tortura o remorso de havermos sido injustos, nem nos confrange o receio de terem resultado demasiado violentas as nossas criticas nem menos precisas e seguras as nossas previsões.

Relendo imparcialmente a colecção d'*A Monarquia*, hoje que os seus antos artigos já descansam no sono eterno, embora a sua acção neste meio, depois da vida efemera dum dia, se prolongue ainda, de pensamento em pensamento intensamente se prosegue, consola-nos a certeza de que não houve polemica em que não dissessemos a ultima palavra e não houve afirmação que não pudessemos ou não soubessemos sempre justificar e manter.

Quero relembrar aqui algumas discussões sustentadas com os nossos adversarios que á liça da imprensa diaria desceram a combater-nos; alguns teoremas politicos que foram demonstrados, com o rigor matematico de quem não pode errar, e algumas datas que se evocarem, dentre as convencionaes brumas da Historia, não como simples motivos de saudade, mas como brados imperiosos de exemplo.

Antonio Sardinha teve duas felicissimas polemicas, uma com um adversario da extrema esquerda—Avelino d'Almeida—quanto á impossibilidade da Egreja, em nome da egualdade divina, se adaptar ao conceito democratico da egualdade humana, outra com um jornalista da extrema direita—Franco Monteiro, sobre a legitimidade que prescreveu do principe filho e representante do Senhor Rei Dom Miguel I.

Tanto um como outro destes paladinos de ideias cadavericas, certamente para pouparem a Antonio Sardinha á humilhação duma derrota, emudeceram por completo antes que ele fosse derrotado. Assim de lado a lado ficou varrida a feira e esperamos que para sempre.

Sobre a virtude das formas democraticas viu-se ainda forçado João do Amaral a discutir com o dr. Ramada Curto, o mais relampejante dos anjos democraticos caidos a inferioridade do principio da soberania popular e a correlativa impossibilidade duma organização politica do Estado toda baseada nesse logro se o perdão.

Pequito Rebelo provou ao senhor Antonio Sergio, que arvorava os Estados Unidos e a Suiça como exemplos de democracias descentralizadoras confundindo assim descentralização com federalismo, que uma democracia essencialmente autocratica no seu parlamento e no seu democratismo, não pode nunca descentralizar.

Hipolito Rapozo num brilhante artigo de resposta em ao senhor Antonio de Menezes mais uma vez frizou a nossa forma de pensar em materia artistica, mostrando bem uma irredutivel divergencia de toda a arte doentia e preversa sallentando que esta palavra integral, raiz do termo integralismo não permite a qualquer portuguez crente nas nossas ideias e filiado no nosso grupo que seja em seu belo prazer um constructivo em politica e um anarquista em arte, educando por um lado a sociedade e deseducando por outro lado miseravelmente.

Armando da Silva, a proposito duma polemica que iniciou com o senhor Mayer Garção, a quinta essencia o substrato de todos os republicanos de todos os tempos, que realize o milagre mecanico de escrever sem massa encefalica, Armando da Silva, digo eu, zurziu essa pobre creatura por tal forma que o pelourinho da opinião publica estremeceu sob esses golpes certeiros e decisivos,

Hoje á semelhança de tantos outros cidadãos pseudos republicanos do cidadão Cunha e Costa, tem-nos felizmente por não existentes.

Quanto a polemicas paro aqui. Agora as afirmações politicas e sociaes. Não tenho de as enumerar todas, nem mesmo a maior parte teria que resumir para isso um por um os artigos do jornal nesse primeiro ano de vida. Não pode ser.

Tomo alguns ao acaso, alguns teoremas politicos demonstrado sem reputação que de resto para nós já constituem ha muito verdades axiomaticas.

O dr. Ruy Ulrich—no artigo *Defeza Nacional e democracia* prova a incompatibilidade da impossibilidade de coexistencia destas duas expressões.

Xavier Cordeiro friza mais algumas vezes a distinção entre poder absoluto e poder pessoal na Historia e Sciencia Politica.

Hipolito Rapozo em dois magnificos quadros intitulados, *Mas quando o Rei é mau* e outros *Mas quando o Rei é fóio* estuda este importantissimo argumento de *insuficiencia régia* com que os nossos inimigos, com ultimo recurso costumam atacar-nos.

Demonstra que embora o Rei seja mau ou estupido é sempre melhor Chefe de

Estado que um magistrado de eleição, virtuoso e genial, havendo para corrigir esses defeitos na pessoa do soberano varias soluções monarquicas decisivas que em nada perturbam a tranquilidade da opinião publica nacional.

Caetano Beirão atende o problema familiar e mostra como só a familia tradicional pode servir de base a uma forte organização moderna e progressiva.

Luz d'Almeida Braga trata das Ordens Religiosas, relembra a injustiça maçonica da sua expulsão, o muito que haviam contribuido para o engrandecimento da Raça e afirma a necessidade de serem reintegradas duma forma absoluta e sem restrições.

O dr. Julio de Melo e Matos estabelece a diferença entre a *Politica das Classes* e a *Politica nas Classes*, mostra como esta, filha da especulação revolucionaria veio tornar impossivel aquela que outrora em tempos de menos solidariedade e mais consciencia social, tornava felizes os que trabalhavam fazendo-os alcançar o trabalho como uma redenção.

Antonio Sardinha ataca a dificil questão de *Degenerescencia hereditaria* e demonstra indiscutivelmente que, das uniões consanguineas nas casas reinantes, só resulta uma das maiores virtudes da realeza, a natural e ingenita aptidão dos principes para bem governar.

Num artigo notabilissimo, a *Soberania de Roma*, preconiza a Sociedade das Nações á maneira medieva sob a bençam pontificia, generosa, vivificadora, universal.

Antonio Sardinha foi incansavel nestes doze mezes de campanha jornalistica. Sublinhou uma a uma todas as datas da historia, que, sob o ponto de vista politico ou religioso devem ter uma significação especial na adoração do nosso culto e todas eras que no caminho dos seculos representam desvios da estrada da herdade ou evocam nomes de triste memoria que uma historia falsa e parcialissima tentou impôr e consagrar.

20 de Abril—o aniversario da celebre Carta Constitucional a que os proprios republicanos já atribuem o descalabro deste pobre estado portuguès.

4 de Maio, a descoberta do Brazil, e, aproposito dessa data, imaginando o que seria hoje a grandeza politica desse grande imperio se a republica o não viesse colocar no plano inferior politico e diplomatico em que as republicas sempre colocaram os povos.

Evora-Monte—o ultimo dia do Portugal velho.

O crepusculo da Raça.

Santo Antonio, Nun'Alvares, a que a divina florescendo na terra santa da Patria.

A Bastilha, fonte negra desta noite interminavel com que Aljubarrota, Alcacer-Kibir, a Alvorada, o maior dia e o ocaso da Patria.

Bussaco, a libertação do territorio, a desafronta das sepulturas espesinhadas e de profanação dos templos pelos descendentes de Brennus.

S. Traidor, oh S. Traidor, cujo nome é uma vergonha que por vergonha nossa e *da Patria* esta republica de extrangeiros nos quiz fazer venerar num gesto maximo de sacrilegio.

Se fosse a relembrar aqui todos os nomes que em esplendidos artigos honraram o nosso movimento e as tradições da sua inteligencia falaria ainda muito tempo alem do muito tempo que já falei.

Destaco 3 colaboradores da *Monarquia*, que, são por assim dizer o coração e o cerebro a razão de ser intima deste jornal. Antonio Sardinha, João do Amaral, Armando da Silva. Os seus trez redactores principaes. Em qualquer paiz e em qualquer epoca estes jornalistas seriam, na sua esfera d'acção trez notabilidades, já raras de encontrar separadamente, quanto mais na mesma folha e seguindo a mesma orientação. Hipolito Raposo, dr. Ruy Ulrich, Xavier Cordeiro, Luiz d'Almeida Braga, Julio de Melo e Matos, Caetano Beirão, Campos Figueira, Alfredo Freitas Branco, José Adriano Pequito Rebelo, cuja imagem longinqua batalhando a minha saudade evoca dum impulso de impressão pelo seu notavel talento e pela sua invulgar proficiencia tecnica, Cesar d'Oliveira, Luís de Freitas Branco, Perry Vidal, Campos Figueira, Rebelo de Betencourt, onde se encontra, em que jornal se encontra jámais entre nós um nucleo de tão brilhantes pensadores e jornalistas? Ultimamente mais um nome, que a uma gloria nacional se acrescente ao destes amigos dedicadissimos que tornaram possivel durante um ano com o seu esforço e com o seu talento a vida d'*A Monarquia*. E' Afonso Lopes Vieira, o cancioneiro vivo cantando em nossos dias para que a alma da patria envelhecida acorde emfim. A campanha que encetou contra a grotesca mascarada da trasladação de Nun'Alvares campanha que ele só por si gloriosamente levou de vencida apezar de todos os odios sacrilegos do jacobinismo maçonico é sem duvida das mais formosas paginas da nossa existencia jornalistica.

Vou terminar.

Comparem o que era o Integralismo Lusitano antes do aparecimento da *Monarquia* e o que ele é hoje, no momento historico deste banquete olhem para traz o caminho andado longo e largo como uma estrada triunfal. A influencia indicada da nossa doutrinação é já tão grande que abala mesmo a propria conformação mental das altas personalidades do Regimen. Refiro-me propositadamente ao presidencialismo do senhor Dr. Sidonio Paes.

Ou muito me enganarei pela primeira vez em calculos politicos, ou a ideia integralista, não no seu superior aspecto de conjunto mas nas suas resoluções precias e perifericas vai dentro em breve ter um começo de realização pratica, mesmo *dentro da republica*.

A que poderiamos aspirar mais? Embora isso pareça paradoxal esta republica começa já sendo bastante mais monarquica que a monarquia liberal. Para isso não é preciso muito, mas o facto sempre significa alguma coisa. Os integralistas só teem de orgulhar-se pela marcha dos sucessos politicos entre nós. Estes sentem que se começa a viver em Monarquia dentro da republica e sabem muito bem por outro lado que essa ironica *Republica* só não pode consolidar sem a Monarquia. O que alcançarmos agora, ficará alcançado, depois olçam-no bem os talassas todos deste Pais. Integralizem o regimen que, após a forçosa substituição do chefe ocasional pelo chefe legitimo, de facto revolucionario historico, ter-se-ha avançado tanto, que já se não volta para trás.

Sursum Corda.

Brinda ao sr. Conselheiro Aires de Ornelas em quem sau la El-Rei. Não podia na verdade o sr. D. Manuel ter escolhido quem melhor o representasse. Aires de Ornelas é um reaccionario que por tantos lados do seu pelo espirito se encontra com o nosso movimento. Por El-Rei!

No fim do seu discurso foi o nosso querido director vivamente aplaudido.

Toma em seguida a palavra o sr.

Conselheiro Aires de Ornelas

que num brilhante improviso de que lamentamos não poder dar um extracto, deduz algumas das lições da guerra que pelos seus processos tecnicos e pelo principio inalteravel da disciplina vem singularmente fortalecer as ideias reaccionarias, e refere-se ao largo movimento conservador que alastra pela Europa e que teve ocasião de presenciar nas duas principais capitais dos alliados, durante a sua viagem a Inglaterra, onde foi chamado por El-Rei que, afirma Sua Ex.ª, teve palavras muito amaveis para o esforço do Integralismo Lusitano, e termina por agradecer as palavras que lhe foram dirigidas pelo nosso director, dizendo que se sentia bem no meio do entusiasmo e da dedicação da gente moça ali reunida.

A seguir levanta-se o nosso redactor principal, sr.

Dr. Antonio Sardinha

que disse:

Encarregado de historiar o avanço do movimento integralista durante o primeiro ano de existencia de *A Monarquia*, não me chegariam as palavras para espalhar o meu entusiasmo e a minha admiração pelos bons obreiros que o nosso esforço tem encontrado no seu caminho. Não me perderei em oratorias dispensaveis nesta hora em que toda a energia aguerrida da nossa causa se militariza na atitude sobria de quem age e não divaguela. Poucos eramos no começo da nossa cruzada. Mas eramo-lo já com o sentido mistico duma vocação, dum destino superior a cumprir.

E' preciso acentuar bem que nós, os primeiros, não fomos de modo nenhum os criadores da ideia que hoje nos reune e enlaça aqui debaixo da insignia gloriosa do Pelicano. Não! Nós somos e seremos sempre, unicamente os seus servidores. Porque *servimos*, é que nós não somos um *partido*. Somos uma *tendencia* que se organiza em nome dum *principio* que, antes de ser *principio*, nos verificámos e aceitámos como uma *conclusão*.

Ao olhar á flama ardente que distingue a nossa esperança, eu reconheço que estamos assistindo ao verdadeiro renascimento de Portugal. Lentamente, devagar, aqui e alem pequenos nucleos se constituem que, me lembram, na disseminação das nossas doutrinas, outras tantas pequenas christandades, em que a perseverança da fé só é igual á grandeza dos sacrificios.

Crescem debaixo dum sopro que é bem de milagre, refazendo com amor e firmeza a estrutura tradicional da Patria como ela é na sua formação secular, não como teorias abstractas a imaginam e criminosamente a falseiam. Quero trazer a esta nossa festa a sua evocação.

E assim eu recordarei o *Nucleo Instalador do Integralismo na Madeira*, com o seu orgão *O Realista*, onde Alfredo de Freitas Branco agrupou iniciativas e dedicações das mais infatigaveis; a *Delegação Municipal de Viana do Castelo*, de que o semanario a sair ámanhã, *Gazeta do Lima* traduz a enlevada devoção de João da Rocha Páris, Carlos Lobo de Oliveira e os seus outros companheiros de trabalhos apostolicos; a *Junta provincial da Beira-Baixa*, representado aqui pelo dr. José de Almeida Eusebio, e que na *Gardunha*, o primeiro jornal integralista,—com que emoção eu o digo!—, pelas penas brilhantes do dr. José Monteiro e de Armando da Silva,—o querido camarada de todos os instantes, tão alto e tão inquebrantavelmente mantem as virtudes do nosso movimentp, que são a intransigencia e a sinceridade. Finalmente, com o nosso aplauso agradecido, não esqueçamos o *Nucleo Instalador do Integralismo* no Porto, em que a serenidade paciente de cooperadores como o dr. Julio de Melo e Matos, dr. Armando Vieira da Costa, engenheiro Francisco Menezes, etc., etc., significa para a nossa campanha um dos motivos dos seus justos triunfos.

Mas as jornadas do *Integralismo* atiram já mais longe na expansão admiravel das suas sementeiras. Se outro titulo de compensação moral nós não levassemos da nossa festa, bastaria uma,—o ingresso nas nossas fileiras do tenente Saturio Pires, oficial de Couceiro na Galiza, critico militar dos mais ilustres, que a si mesmo se adjectiva nas belas linhas do seu caracter e da sua inteligencia. Repararemos com alegria bem intima que o elemento *acção* se alia no *Integralismo* á força-*pensamento*. Melhor do que eu, exprime-o a assistencia que me escuta. Imprimem-lhe uma nota vibrante de desassombro e coragem as fardas que nos rodeiam. Não aludirei ao alferes Luiz de Portugal da Fonseca e Melo, ferido em campanha e citado em ordem de brigada. Mas já outra me cabe e é a de saudar os rapazes da Escola de Guerra, da Escola Naval e da Escola Preparatoria de Oficiaes Milicianos, cuja presença entre nós é a melhor garantia de que se não perdeu no vago o apelo constante dum ano inteiro de bom-combate.

Espada leal, temperado na galhardia e na bravura, remiremo-nos com orgulho naquele que salvou o prestigio do exercito na tarde ignobil de 14 de maio. Refiro-me a Carlos Veloso, que dentro do nosso movimento será sempre dos maiores entre os maiores. Ele que sabe manter até com a morte a fidelidade dum juramento, não ignora tambem quaes são os caminhos que levam direitos á victoria.

Sou seco talvez na rapida resenha em que a minha voz se humedece de comoção. Mas secas são em batalha as citações dos herois que, de armas na mão, se nobilitam nobilitando a bandeira porque se expõem e aprontam o perigo. Não é o *Integralismo Lusitano* uma batalha cerrada e permanente? E'. Em batalha nos achamos. Em batalha continuaremos, Deus sabe até quando e até onde! Desprezemos por isso a retorica das inutilidades pomposas. E então proclamemos aqui, condecorando com ele o *Integralismo*, condecorando com ele o *Integralismo*, os nomes dos novos camaradas mobilisados pela guerra e lá fóra ressuscitando na obediencia e no arrojo a memoria obliterada da nossa obliterada epopeia. Singelamente, são os que seguem:

—Alferes Antonio Carlos Calainho de Azevedo, emigrado da Galiza, hoje no C. E.P.;

—Alferes Annibal de Azevedo, no *front*;

—Alferes Antonio Gouveia, entre nós, aqui mesmo, em gozo de licença, depois duma estada longa nas trincheiras;

—Alferes Augusto Telo, no *front*, meu parente no sangue, meu irmão no espirito;

—Alferes Carlos Ramos, da aviação militar no C. E. P.;

—Alferes Carlos da Costa Alemão Teixeira, no C. E. P.;

—Dr. Semião Pinto de Mesquita, de artilharia, em Moçambique, tendo-se oferecido como voluntario;

—Dr. José Pequito Rebelo, da administração militar, prestando no C. E. P. altos serviços na plantação dos hortos destinados ao abastecimento do nosso exercito;

—Alferes Manuel Menezes de Mello Sampaio, no *front*;

—Alferes Alexandre Cabeças, no C. E.P.;

—Alferes José Miguel da Silva no C. E.P.;

—Alferes Alfredo Doria de França Nobrega, no C.E. P.;

—Alferes Lopes Ribeiro, no C. E. P.;

—Luiz de Menezes Acioinali, alferes S. B. P.;

—Fernando de Oliveira, da Administração Militar;

—Avelino de Figueiredo, alferes-capelão;

—Rafael Gavazzo, sargento da Companhia de Saúde, no C. E. P.;

e José Januario de Melo Lapa, soldado *chauffeur*, no *front*.

Permitam me que a meu internecimento inclua nesta lista prestigiosa meu irmão o alferes Sousa Sardinha, do C. E. P., onde se la inutilisando por desastre, e, como o alferes Antonio Gouveia, tomando logar entre os nossos convivas. O rol é longo, longo como um rosario. Rosario de heroicidades obscuras e de obscuros sofrimentos que hão-de ser, ao depois, no regresso, o germen forte da Patria redimida. Destaca-se entre tantos o tenente Teixeira Pinto, herdeiro da gloria militar do seu pai, que enche largumas paginas brilhantes da nossa historia colonial. Vindo do *front*, não nos faltou com o seu aplauso nem com a certeza da sua plena adesão.

E' tempo de completar a minha homenagem com a homenagem devida á intrepidez e ao brio do alferes Antonio Lobo; á valentia e á decisão do alferes Pinto da Rocha, que foi dos que ajudaram a vencer o senhor Sidonio Paes, sem querer em paz depois nada mais senão que o deixassem com a sua mocidade e com a sua convicção. E com profunda amargura saliento a ausencia do alferes Godinho Tavares, da mais formosa e mais natural das abnegações, alma fiel de soldado, em quem a confiança e a fé se acasalam cavalheirescamente. Doente, e doente com gravidade, que o logar mais recolhido do nosso coração seja para Godinho Tavares na hora grande que a todos nos congregou aqui, cheios da mesma esperança fervorosa na reviviscencia de Portugal.

Mas eu não cumpriria a minha obrigação, se não exprimisse o prazer bem sentido do meu espirito ao ver como a terra alentejana se manifesta e radica dentro do nosso movimento. Era o meu desgosto, quando considerava a procissão prometedora que sem cessar vinha para nós e não distinguia entre os novos fieis ninguem que me ensinasse como o sinal de graça amanhecia tambem para a provincia misteriosa em que a Patria ganhou a maioridade no poema largo dos Concelhos e abriu as azas de triunfo para a revoada sem par de Quatrocentos. Hoje o Alentejo resgata-se. Resgata-se na saudação que do exilio nos envia João de Azevedo Coutinho, seu filho dos mais amados, porque é dos que mais o amaram na generosidade quente duma vida que é uma cronica aberta. Resgata-se no nucleo cada vez mais apertado de rapazes que hasteia com donaire a signa abençoada debaixo de cujas dobras a nossa caminhada se não fatiga nunca. E deixem-me que os oponte,—que eu oponte Francisco Beliz,—o teorico superior dessa equilabrada demonstração de filosofia politica que é o artigo *As ditaduras*. Vindo da republica pela ilusão do seu municipalismo carinhoso, ele tenta nos dominios puros da poesia um alto exercicio de sensibilidade em que o sangue opõe os seus direitos inviolaveis contra a decadencia do gosto e a barbarisação imperdoavel do ideal artistico. Outros o seguem. E é Silva Dias, alma discreta e pertinaz do evangelista; Raul de Albergaria, perseguido ferozmente pelo democratismo eborense; e Antonio Pedro Mendes, portador duma energia reservada que dará ainda muito que falar de si.

Alargo-me,—eu que sou por principio inimigo dos vastos arrazoados, eu que amo os limites da palavra curta e precisa. Mas, encarregado de varias representações, duas ha que, sem desprimor para nenhumas mais, uma eu desejo reunir e destacar num vigoroso recorte. E' uma a do sr. conde de Vilas-Boas, antigo official da Armada Real, cavaleiro da Torre e Espada com as medalhas da Rainha D. Amelia, comemorativas das três campanhas: Namarraes, Gaza e Barué, onde combateu ás ordens de Mousinho de Albuquerque e de João de Azevedo Coutinho. A outra a dum humil le filho do povo, Eduardo Maia, que, não lhe sendo possivel comparecer aqui, me pediu para vos transmitir, meus senhores, a certeza e o calor da sua convicção. Nós não somos democratas,—nós não cortejamos as multidões. Orgulhamo-nos até, como o senhor de Bonald, da nossa esplendida impopularidade! O povo para nós é social e demograficamente a nação na sua parte dinamica. No ponto de vista politico só conhecemos «classes». Assim, repelindo as mentiras ignobeis do «Direito do Homem», que deslocaram o eixo da sociedade, perfilhamos desassombradamente a formula da Santa Aliança:—*nada pelo povo e tudo para o povo*.

Esse dever de proteção nos conduz ao sindicalismo. Esse dever de proteção se define e integra na «*demofilia*», amor do povo, com que Leão XIII substituiu o termo tantas vezes condenado de «*democracia*». «*Nada pelo povo e tudo pelo povo!*» Não nos isolamos com isso numa sobrancería desdenhosa. Provam-nos os valiosos elementos que entre os empregados do comercio nos possuimos já,—uns curados da sua avariose democratica, outros vindos de mais longe,—das mais abstractas e das mais anti-sociaes de todas as tendencias,—do libertarismo puro e simples. Senta-se ao nosso lado, para o confirmar, o creado de mesa, Alfredo Pereira que, partilhando entusiasticamente do nosso movimento, nós trouxemos aqui,—á festa da *Monarquia*, como bom combatente, que é das lutas bravas do *Integralismo*.

E é já tempo de terminar. Não o farei sem que procure equacionar uma questão que apaixona e perturba neste instante de existencia nacional bastantes milhares de portuguêses. Quero aludir á nossa atitude perante o governo do senhor Sidonio Paes. «*Distingamos para não confundir!*»—dizia duma vez Mgr. Hulst a um deputado radical que se ria dos seus «*distinguo*». E' necessario realmente não confundir o senhor Sidonio Paes com a situação criada pelo 5 de dezembro. Não foi um homem quem a constituiu. Constituiu-a o esforço dum punhado de militares que apenas pretenderam desembaraçar o país das redes miudas em que a demagogia o enlaçara. Não concordo que se acuse no senhor Sidonio Paes o nosso libertador. Sem nós, sem o concurso desinteressado de todos os monarquicos, como é que poderia manter-se S. Ex.ª?

Pode S. Ex.ª declamar que voltaria ao Parque Eduardo VII. Acredito que voltasse, mas para triunfar não podia encontrar-se lá sósinho. Acho demais,—e é o ponto em que eu insisto—, tudo o que se aproxime duma renuncia de principios.

O senhor Sidonio Paes não desconhece onde nos encontramos. Sempre que a Ordem e a Patria o exijam conte conosco. Mas conte conosco como monarquicos, que conscientemente cumprem o seu dever, sem que, para o cumprirem, careçam de pactuar com o regime que intransigentemente repelem. Não se ganha o apoio leal dos monarquicos discursando como em Beja e em Santarem.

Acentuemo-lo, pois, bem peremptoriamente:—não é o senhor Sidonio Paes que nós coadjuvamos. S. Ex.ª é um episodio politico destinado a desaparecer. E' a Patria que nós servimos na aceitação transitoria dum *facto* que não importa nunca a abdicação dum *direito*.

Tenho dito.

Ao terminar as suas palavras o sr. dr. Antonio Sardinha recebeu uma vibrante e calorosa ovação de toda a assembleia que lhe demonstrou com entusiasmo o alto apreço pela sua elevadaa virtude de combatente, pelo vigor do seu talento, pelo corajoso depoimento do seu trabalho assiduo e perseverante.

—

Amanhã publicaremos as palavras proferidas pelos srs.: dr. Luiz d'Almeida Braga, dr. Hipolito Raposo, em seu nome e no do sr. dr. Julio de Melo e Matos, padre Vasconcelos, Armando da Silva, Saturio Pires, dr. Ruy Ennes Ulrich, João José de Melo Lapa, dr. José d'Almeida Eusebio, Joaquim d'Almeida Braga, dr. Francisco de Rolão Preto, Alfredo de Freitas Branco e Arthur de Campos Figueira.

Telegramas

Durante o jantar receberam-se os seguintes telegramas:

Palavras de Azevedo Coutinho

O grande português que é João de Azevedo Coutinho, o heroi admiravel de Africa, o militar que soube servir como poucos sem apostatar nunca da sua fé, dirigiu-nos estas palavras que foram entusiasticamente aplaudidas pelos presentes.

Conde de Monsaraz—Hotel Central—Lisboa:

Melhores felicitações forma brilhante juventude integralista.

(a) João de Azevedo Coutinho.

Um telegrama de Afonso Lopes Vieira

Do altissimo Poeta Afonso Lopes Vieira recebeu o sr. dr. Antonio Sardinha um telegrama que a assistencia acolheu com uma vibrante salva de palma, demonstrando calorosamente quanto aprecia esse temperamento extraordinario de lusiada que é o Poeta das **Ilhas de Bruma.**

Sando-o e aos seus companheiros como bravos e caros camaradas com quem me encontrei na batalha em que intentamos reaportuguesar Portugal. Não podendo assistir envio estas saudações verdadeiras de amizade, de admiração e solidariedade espiritual.

Afonso Lopes Vieira.

A saudação de Fernando de Sousa

De Caceres enviou ao sr. Conde de Monsaraz um expressivo telegrama de adesão o senhor Conselheiro Fernando de Sousa cujo elevado espirito de catolico comunga ha muito com a mocidade integralista na abençoada e santa cruzada do resgate.

E' redigido nestes termos :

Conde de Monsaraz—Rua Victor Cordon—Lisboa:

Associo-me sua festa sentindo impossibilidade de comparecer.

(a) Fernando de Sousa.

Monarquia—Lisboa:

Junta Instaladora Porto sauda Junta Central, redacção «Monarquia» e todos os confrades presentes.

(a a) Armando Vieira de Castro, Carlos Ramos, Edgar de Vasconcellos, Eleuterio Fonseca, Francisco Menezes, Julio Melo e Matos.

Redacção Monarquia—Lisboa:

Junta Escolar Integralista Viana fervorosa adesão, associa-se festa e memorativa aniversario da «Monarquia».

Dr. Xavier Cordeiro—Hotel Central—Lisboa:

Delegação Municipal de Viana do Castelo sauda fervorosamente na pessoa de V. Ex.ª triunfo pelo nosso movimento.

Dr. Antonio Sardinha—Hotel Central—Lisboa:

Impossivel comparecer, peço V. Ex.ª queira transmitir a todos os nossos amigos os meus cumprimentos de saudação.

Visconde de Santarem.

Dr. Antonio Sardinha—*Monarquia*—Lisboa:

Peço V. Ex.ª seja portador nossa adesão brilhante festa de ámanhã em estreita união espiritual com camaradas que vão reunir, enviamos vivas saudações denodados defensores causa integralista.

(a) *Padre Araujo Calheiros Teixeira de Queiroz*

Monarquia-Lisboa:

Saúdo vivo entusiasmo Junta Central e «Monarquia».

(a) Padre Antonio Alvares de Andrade.

Dr. Antonio Sardinha.—Hotel Central Lisboa:

Impossivel ir no entanto associo-me com entusiasmo á festa de hoje.

(a) Branquinho.

Dr. Almeida Eusebio—Hotel Central—Lisboa:

Integralista de facto peço dê minha adesão.

(a) Ferrinho.

Monarquia-Lisboa:

Acompanho vossa festa desejando prosperidades jornal intemerato defensor integralismo, grande causa nacional.

(a) Luís Lemos Oliveira.

Dr. Antonio Sardinha—Hotel Central—Lisboa:

Impossivel assistir festa, saúdo «Monarquia» pelo seu aniversario desejando prosperidades caminho empreendido.

(a).Bernardo José de Mesquitela.

Conde de Monsaraz—Hotel Central—Lisboa:

Não podendo assistir festa hoje motivo anos de minha filha, saúdo V. Ex.ª brilhante aranto causa integralista.

(a) João José da Silva.

Monarquia-Lisboa:

Saudando vivamente Junta Central, associo-me com entusiasmo jantar comemorativo aniversario do jornal.

(a) Artur Santiago Maciel da Costa.

Dr. Antonio Sardinha—Monarquia-Lisboa.

Impossibilitado de assistir festa envio adesão ao pensamento que os reune.

(a) Martins da Cunha.

Dr. Antonio Sardinha—Hotel Central—Lisboa:

Impossibilitado comparecer felicito pessoa V. Ex.ª, Junta Central Integralismo Lusitano.

(a) Coelho da Fonseca.

Sr. Joaquim Braga, — Monarquia—Lisboa :

Enviamos nosso incondicional aplauso e adesão festa comemorativa aniversario da «Monarquia» aproveitando ensejo afirmar novamente nossa absoluta comunhão ideia integralista, fazendo votos seu completo triunfo.

(a) João Leitão Emiliano Santos, José Catalão.

Dr. Luiz Braga — Monarquia—Lisboa :

Impossibilidade assistir associamo-nos manifestação de fé integralista.

(a) Manuel e Domingos Cruz.

Monarquia—Lisboa :

Saudo Junta Central do Integralismo, associando-me festa aniversario da Monarquia.

(a) Manuel Caetano Pereira

Monarquia—Lisboa :

Cumprimenta monarquia aniversario saudando ideia integralista.

(a) Bento Coelho da Rocha.

Dr. Antonio Sardinha

Hotel Central—Lisboa :

Quatro tipografico jornal A Monarquia, toma liberdade de felicitar diretor e redação.

Conde de Monsaraz

Hotel Central—Lisboa :

Grupo amigos integralismo sauda Junta Central, banquete primeiro aniversario Monarquia.

(a) Augusto da Costa, Annunciada Soares, Libanio Braga, Eduardo Gomes, Henrique Dias.

Monarquia—Lisboa :

Acompanho-os em espirito.

(a) Padre Paulo Machado.

Conde de Monsaraz

Monarquia—Lisboa :

Envio sinceras saudações aniversario Monarquia.

(a) José Filipe Alvares.

Monarquia—Lisboa :

Afazeres impedem ir jantar. Envio adesão.

(a) Antonio Xara Brasil.

Monarquia—Lisboa:

Saudo Monarquia aniversario.

(a) Egas Moniz Teixeira Coelho.

Dr. Antonio Sardinha, Hotel Central—Lisboa:

Abraço com grande pesar de estar tão longe hurrah Integralismo Lusitano.

(a) Francisco Lage.

Conde de Monsaraz—Hotel Central—Lisboa:

Aceite minhas saudações jornal Monarquia.

(a) Francisco Lage.

Dr. Antonio Sardinha—Hotel Central—Lisboa:

Casa Catolica felicita calorosamente aniversario jornal Monarquia, seus redactores, na pessoa de V. Ex.ª

Almeida & Miranda.

Monarquia—Lisboa:

Estudantes monarquicos Beja aproveitando ocasião aniversario, saudam redação Monarquia relevantes serviços prestados á causa da Patria.

Representação

O sr. doutor Antonio Sardinha recebeu o seguinte telegrama:

Dr. Antonio Sardinha, «Monarquia», Lisboa.

De todo o coração me associo á festa integralista, sentindo não poder assistir a ela, peço o favor de me representar.

(a) Conde de Vilas-Boas.

Representava ainda o sr. dr. Antonio Sardinha os srs. Casimiro Afonso e Alvares de Araujo.

O sr. dr. Luiz de Almeida Braga os srs.: dr. Gaspar Lobo (Neepereira), dr. Antonio Antas de Barros, padre Ribeiro Braga, padre Jorge de Lima Machado, dr. J. Sousa Louro.

O sr. conde de Monsaraz representava o sr. dr. Paulino Leitão. O sr. dr. Perry Vidal representava o sr. Rafael Gavazzo. O sr. Joaquim de Almeida Braga representava o sr. Fernando Caetano Pereira.

O sr. Armando da Silva recebeu os seguintes telegramas:

Dr. Armando da Silva, redacção da «Monarquia», Lisboa

Inhibido de assistir á nossa festa, que adiro de todo o coração, peço-lhe me represente abraçando efusivamente camaradas.

(a) José Monteiro.

Dr. Armando da Silva—Hotel Central—Lisboa

Peço a V. Ex.ª se a interprete minha fé na obra eminentemente portugueza do nucleo que neste instante ali se reune e no qual o seu nome sobresae com notavel relevo.

(a) Severo Portela.

O sr. Armando da Silva representava ainda os srs. visconde do Sardoal, dr. José Ferreira, Julio Carneiro e Alberto Cardoso.

Uma carta do sr. Moreira d'Almeida

O senhor conde de Monsaraz recebeu do ilustre director de *O Dia* a carta de saudação que altamente nos sensibilizou e que a seguir publicamos:

Meu amigo e colega:

Celebrando-se hoje num festivo banquete o primeiro ano da existencia do jornal que com tanto brilho V. Excelencia dirige, peço-lhe que aceite e transmita aos que ao seu lado tanto se teem notabilisado na redacção da *Monarquia* e á Junta Central do Integralismo as minhas mais vivas saudações e as de *O Dia*.

Com elevada estima e admiração sou de v., etc.

(a) *J. A. Moreira de Almeida.*

Cartas de adesão:

Deram a sua adesão por carta. A' Junta Central os srs: Guilherme de Ayala Monteiro e João do Amaral. Ao sr. dr. Antonio Sardinha, os srs. Carlos Afonso dos Santos (Carlos Selvagem), Antonio Thomaz de Bourbon, Manuel Victor Ferreira Dias, João José da Silva, Guilherme Frederico, João Marques da Cunha. Ao sr. conde de Monsaraz os srs. Astrigildo Chaves e Centeno Fragoso. A Armando da Silva o sr. Cesar A. de Oliveira. Ao sr. Joaquim de Almeida Braga os srs. Artur de Bettencourt, Emygdio de Faria Azevedo Gomes.

O sr. dr. Antonio Sardinha recebeu ainda as seguintes cartas de adesão:

Do sr. dr. Tomás de Melo Breyner a seguinte carta:

«Meu ex.mo amigo: O meu ilustre e grande amigo Visconde de Castilho está gravemente doente. Aqui tem o motivo da minha ausencia na brilhante e significativa festa de ontem á noite no Hotel Central. Quiz ainda telegrafar-lhe umas palavras de simpatia e saudação, mas estava fóra da cidade, onde o telegrafo já tinha fechado.

Os meus parabens a todos e os meus melhores desejos de triunfo para o seu jornal e para a causa que defende.

De V. Ex.ª admirador grato e amigo

(a) *Thomaz de Mello Breyner.*»

E de um grupo de alunos do Liceu de Braga:

«Ex.mo Sr. Dr. Antonio Sardinha:

Convencidos da Verdade monarquica que a Ideia Integralista encerra, nós, alunos do Liceu Sá de Miranda, apresentamos-lhe hoje a nossa inteira adesão.

E saudando com todo o nosso entusiasmo o movimento alevantado do Integralismo Lusitano associamo-nos ao jantar comemorativo do primeiro aniversario da «Monarquia».

(a) Raul João de Sá Dantas, Francisco Dias, José Roberto M. B. L. Cerqueira de Queiroz, Manuel M. Beja, Abilio de Araujo, Adelor José da Silva, Afonso Henriques de Aragão.

Assistencia

Conselheiro Agrea d'Ornellas, Conselheiro Jayme Forjaz de Serpa, Pimentel, Conselheiro Fernando de Souza, representado por seu filho Luiz Fernando de Souza, Dr. A. Xavier Cordeiro, Dr. Ruy Enes Ulrich, Conde de Monsaraz, Padre João Adelino Monteiro Vasconcelos, Ex-tenente Saturio Pires, Frederico Guilherme Gavazo Perry Vidal, Candido Garcia Reis, João José de Mello Lapa (Villa Nova d'Ourem), Tito de Castello Branco Arantes por si e por seu pae o Sr. Hemeterio Arantes, Alfredo de Freitas Branco, Dr. Armando da Silva, Eugenio Fernandes Portes, Joaquim Maria da Silva Dias, Dom Marcos da Silva de Noronha (Vagos), Pedro Damião Saldanha da Motta, João d'Oliveira (Tojal), Raul Antonio d'Albergaria de Sexas, Isaias Carlos de Souza Sardinha, Eduardo Perraz, Antonio Gouveia, Vasco Camellier, Manuel Vicente da Silva Moreira, Hercolano Trovão de Figueiredo, Domingos Cornelio da Silva, Francisco do Amaral, Salomão Alves Gaspar, Artur de Campos Figueira, Octavio Botelho de Vasconcelos Nogueira, Mario Barros, José Barros, Sebastião Cardoso, Visconde de Reguengo, Dom José Manuel Bramchamp de Barahona Fragoso (Esperança), João Rico, Leonel da Silva, Licinio Miranda, João Telles, João Camilo Feio Correia, Domingos Guilherme Perry Vidal, Pereira de Allen, José Rebello de Bettencourt, Francisco Belis, Duarte d'Almeida Toscano, Arsenio de Gastilho, Raul dos Santos Batista, Padre José Ferreira Faustino, Joaquim Marques Alexandre, Henrique de Menezes Parreira, D. d. Francisco Xavier da Silva, Antonio Dias LeitPe José d'Almeida Azevedo, Dr. Rolão Preto, Alabino Neves, Alcino de Vasconcelos, Antonio Pedro Mendes, Padre José Dias Rodrigues, Luiz de Freitas Branco, José M. de Figueiredo, José Maria da Silva, Carlos Lobo d'Oliveira, Dr. Jorge de Faria, Luiz Chaves, Engenheiro Eduardo de Bettencourt Ferreira, Alfredo Pereira de Campos, Abel Cravo, Luiz Simões de Souza, Luiz Nunes da Silva, Dr. Alvaro de Souza Rego, Dr. Luiz d'Almeida Braga, Dr. Caetano Maria d'Abreu Beirão, Engenheiro Alberto de Souza Rego, Joaquim d'Almeida Braga, Dr. Hipolito Raposo, Luiz de Portugal da Fonseca e Mello, Seves d'Oliveira, Dr. Antonio Sardinha, Fernando de Campos, Francisco Xavier dos Santos Silva, Manuel Caetro Carrasco, Fernando da Costa, José Pires, Antonio Lobo de Vasconcelos, Carlos Velloso, Antonio Filipe de Jesus, Luiz de Castro Leal de Freitas Branco, José Antonio d'Almeida Baltazar, Joaquim d'Almeida Baltazar, Dr. José d'Almeida Euzebio, Gregorio d'Almeida Cassapo, Adelino Pinheiro Marques, José Manuel Alvares Pinto da Rocha, Adriano Alvaro Pimenta de Gama, Norberto Correa, João da Costa Teixeira Pinto, Dr. José Rosado da Fonseca.

A' roda da reunião monarquica de ontem

Moção

O partido monarquico, coerente com a sua atitude de absoluto acatamento ás instrucções de Sua Majestade El-Rei, entende dever continuar a abster-se, durante o estado de guerra, da sua fundamental reivindicação, neste momento inoportuno:

e, atendendo á extrema gravidade da situação em que se encontra o país, que acima de tudo deseja ordem e socego, moralidade na administração e liberdade, tanto em materia politica como em materia religiosa;